

# A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 8 de Junho de 1856

N. 18

## LITTERATURA.

### Paginas intimas.

XVI

#### COMO ELIAS SÃO !....

Tenho creado numerosas relações amigaveis, depois que pensei que o choro é proprio ás crianças de peito.

Os convites succedem-se uns aos outros, sou procurado como um homem precioso, e o bello sexo faz a fineza d'acolher-me com aquella graça que tanto o distingue. Quem disser que não represento um lugar brilhante na sociedade, está no mundo da lua ! Já não era sem tempo ; vegetei durante os melhores e mais bellos dias da vida, considerava-me como um mosquito, que importuna com o seu interminavel *zumbido*, era de crêr que os *deuses*, compadecidos de mim, se declarassem em meu favor. Consegui-o ; por isso, Sr. mundo, fique certo que d'ora avante zombarei dos seus caprichos e fantasias — seguindo-o como uma sombra implacavel — Eim? ! e digam que eu não sei fazer um exordio sublime !....

— Foste hontem ao baile, Luiza ?

— Fui, e fiquei bastante sorprendida por não encontrar-te lá.

— Um contratempo imprevisto me forçou a deixar essa distracção ; meu pai é tão avarento delles para mim, que teimou em deixar-me clausurada ; nem rogos, nem pedidos, *amuos*, caricias e todas essas cousinhas que empregamos nos momentos criticos o demoveram do seu proposito. Sabes a distracção que me concedeu hontem ?

— As do costume.

— Peior mil vezes. Mandou-me explicar o A B C á minha irmã Julia, uma criauça de cinco annos ! Eu perceptora de meninas com 17 ! Tambem me soube vingar, ás 8 horas tivemos visitas,

e levei toda a noute a criticar dellas. Não poupei velha nem moça, as primeiras, despeitadas, tomavam rapé, as segundas, furiosas desfecharam a sua ira no meu piano. Pois os homens ! ah ! hontem achavam-me espirituosa, e acabaram retirando-se confusos e envergonhados. Zombei de tudo e de todos. Agora era uma moça que estava mal penteada, logo uma que trazia um vestido do tempo d'El-Rei, mais tarde uma velha que cria levar a tal ponto a gravidade que cahia por fim no ridiculo. Meu pai lançava-me olhares furiosos, minha mãe puchava-me pelo vestido, minhas irmãs chamavam-me douda ! O caso não era para menos : não consentirem que eu fosse ao baile ! E eu que estava no firme proposito de fazer lá o que fiz em casa ! Para te provar, eis aqui os apontamentos que tomei.

Hoje, sim, hoje estou bella,  
Este é o dia em que a donzella  
Vai nos salões imperar ;  
Hei de ás outras, invejosas,  
Presumidas, tão vaidosas  
Os meus encantos mostrar.

Que rumor ! á minha entrada  
Virá a velha apressada  
Fazer-me seus cumprimentos ;  
Virá a *vovó*, e com ella  
A donzella após donzella  
Dar-me um beijo.... fingimentos !

São fingidos estes beijos,  
São de *judas*, que desejos  
D'imprimil-os com usura !  
Oh ! que sim, hei de imital-as,  
Hei de a todas retratal-as  
Nessa noute de ventura.

Que prazer ! ao longe, e só  
Farei inveja á *vovó*

E tambem ás suas netas ;  
E' gatinha que aproveita  
O ensejo, e que sujeita  
As que são menos discretas.

Hei de zombar do *janota*  
Que em pé, junto da porta  
Olha tudo com desdem ;  
A luneta em posição,  
Com ligeira affectação  
De continuo aqui alem.

Quando a musica bradar  
Para dança, par e par  
Por toda a salla se ouvir !  
Hei de só por galanteio  
Accitar o que mais feio  
Venha essa walsa pedir !

E durante o turbilhão  
A pulsar-me o coração,  
Que finezas ouvirei !  
Hei de olhal-o espantada  
E fingir que estou tocada....  
E ao *tolo* enganarei !

Disse ; não conclui, porque no momento em que escrevia o ultimo verso, soube que meu pai não me concedia a permissão desejada. E' o mesmo, aproveitarei a occasião mais opportuna, e não esquecerei que tenho a addicionar um bocadinho aos meus apontamentos. ...

*Abremuntio* ! exclamei eu baixinho, afastando-me do lugar em que houvera a precedente conversação ; este *diabinho* é capaz de tudo ; se me sorprehende a espial-a, canta-me em verso, no estilo daquelles que ouvi, e perece a minha reputação. — Perguntar-me-heis agora como pude conservar na memoria a poesia da menina Adelaide ; seria muito se tal fizesse ; por isso sabeí que foi ella a propria que m'a enviou para ler, ignorando que a tivesse espiado. Para me vingar da parte que toma nessa poesia o sexo a que pertenco, publico-a exactamente como está no original. Perderei a amizade da menina Adelaide ; embora, quero provar-lhe que não sabe criticar....

Rio, 9 de Junho de 1836.

XAVIER PINTO.

N. B. Participo aos leitores da *Saudade* que não esperem pelo cumprimento da promessa que lhes

fez o autor das *paginas*, porque estou resolvido a não revelar-lhe o segredo do outro dia.

*Dona Fufia* — a penna.

### Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

### O RAPTO.

(Continuação.)

Dadas estas explicações não poderão os leitores taxar-me de exagerado e inverosimil.

O rapto consummou-se ; a primeira idéa de Lourenço realisára-se, couvinha dar-lhe mais latitude.

Foi o *Poeta*, ajudado do creado de Lourenço, que penetrou no quarto de Luiza.

A janella achava-se aberta, e nem se quer tiveram o trabalho de cerrar os caixilhos.

A creada tivera o cuidado de deixar tudo de maneira que podesse facilitar o crime.

Luiza dormia como devem dormir os anjos.

Quem a visse com a cabeça negligentemente reclinada sobre o travesseiro, quem a visse com as mãos no peito, como para esconder aos olhares profanos os encantos de um seio magestoso e bello, quem a visse com os labios entre-abertos respirar placidamente, parecendo revelar que esses labios pagariam com usura os apaixonados beijos que lhe imprimissem, recuaría ante uma idéa menos respeitosa e innocente, e talvez que ajoelhasse para depôr n'esses labios um beijo... mas um desses beijos que exprimem a admiração sem o desejo.

O *Coxo* entrou no quarto allumiado pelo fraco reflexo de uma lamparina ; parou e olhou muito tempo para Luiza.

Seus olhos brilharam com um fulgor sinistro. Custou-lhe a conter um grito d'entusiasmo, mas não podendo superar seus impudicos desejos, aproximou-se da cama, olhou a joven de novo, e insensivelmente encostou seus labios aos d'ella.

Luiza acordou de repente, e ia a dar um grito, que foi suffocado sob um lenço que o *Coxo* lhe introduziu na boca. — A joven debatia-se nos braços d'aquelle, seus esforços para gritar eram supremos, mas o malvado cortava-lh'os com uma incrivel rapidez !

Era forçoso ceder ; Luiza exhausta pelo combate deixou-se conduzir, e em breve os raptos se achavam fóra do jardim.

Tiveram a crueldade de a fazer caminhar a pé uma distancia bem longa para as suas enfraquecidas forças. A pobre menina caminhava automaticamente.

Um dos companheiros do *Poeta*, condoido do estado de Luiza, envolveu-a em um capote, e como o faria a uma creança carregou-a ao collo por algum tempo.

Chegaram por fim á casa da velha Martha, que esperava attenta. Não lhes foi muito custoso resolver-a a ceder a sua cama para Luiza; pelo contrario foi a primeira a prodigalizar-lhe todos os cuidados que se tornavam urgentes.

A infeliz menina desmaiára proximo á casa de Martha; a debil árvore curvava-se ao peso de um fraco vento rebelde; era forçoso fazel-a erguer de novo. A velha conseguiu-o; Luiza despertou de seu lethargo e lançando vistas espantadas em redor do quarto, perguntou com voz quasi imperceptivel: — Onde estou, o que succedeu?

— Em casa d'uma mulher que terá toda a sorte de cuidados para a menina; descance que eu sabel-a-hei defender.

Luiza deixou pender a cabeça sobre o peito, e após um momento de silencio, levantou-se como impellida por uma móla, e com uma energia que não era d'esperar disse: — Começo a comprehender tudo; fui roubada da casa de meu pai.... Um homem no meu quarto.... vamos, quero partir, quero dizer a meu pai que estou innocente.... que sou victima de uma infamia!

E reparando que estava quasi nua, por um tocante e rapido instincto de pudor sentou-se no chão, escondeu a cabeça entre as mãos, e começou a chorar.

Esquecia-me dizer que os raptos tinham-se retirado.

Martha seguia-lhe todos os movimentos, pronunciando frases entre-cortadas e sem nexo.

— Menina, disse ella, levante-se, eu sou uma pobre velha que quasi nada póde; comtudo em quanto estiver aqui tratá-a-hei como filha.

Luiza erguen pouco a pouco a cabeça, e mais socegada pedio a Martha que lhe explicasse como e porque viera ali.

Ella respondeu que se tinha empenhado em não revelar o segredo em quanto não apparecesse a pessoa a cujas ordens obedecia.

— Oh! a senhora, respondeu Luiza n'um tom de censura, commetteu uma acção que nada depõe

em favor das suas cans. Com essa idade ser cúmplice d'um crime!...

— Crime não, é a necessidade que tenho de curvar-me á vontade poderosa de um homem a quem me não é dado affrontar. Se não fosse isto, eu seria a primeira em conspirar-me contra elle, mas.... é fatalidade!...

(*Continúa.*)

## Frederico

OU O MYSTERIO D'UM AMOR.

ROMANCE

(*Continuação.*)

### CAPITULO IV

Em quanto Luiza fica pensando na carta do doutor Lima sem poder dormir, vejamos em Santa Helena os destinos de Frederico.

O céu estava limpido, e a formosa aurora já vinha rompendo a custo no vasto horisonte, com todo o seu esplendor adornaudo os cumes da descampada Ilha.

Frederico estava de novo assentado á sua janella; tinha um livro na mão, no qual lia cuidadosamente: esse livro continha as poesias de Luiz de Camões; lia e relia, o seguinte soneto, que muito o encantava, e parecia achar nelle lenitivo as suas saudades.

« Alegres campos, verdes arvoredos,  
Claros e frescas aguas de cristal,  
Que em vós as debuxais ao natural,  
Discorrendo da altura dos rochedos :

Silvestres montes, asperos penedões  
Compostos de concertos, desigual,  
Sabei que sem licença de meu mal  
Já não podeis fazer meus olhos ledos.

E pois já me não vedes como vistes;  
Não me alegrem verduras deleitosas,  
Nem aguas que correndo alegres vem.

Semeari em vós lembranças tristes,  
Regar-vos-hei com lagrimas saudosas,  
E nascerão saudades de meu bem. »

Depois de algum tempo de leitura pousou o livro no parapeito da janella e ficou por alguns momentos silencioso a meditar, até que rompeu o silencio nestes termos:

Infeliz Camões!.... quanto se parece a tua sorte com a minha! Tu abandonaste o lindo Tejo, e a formosa Lisboa, aonde havias passado

o mais bello tempo da tua mocidade, e aonde ficou tua idolatrada Natercia !... oh ! mas ella ao menos, nunca te foi ingrata ; sómente depois de saber a noticia de tua morte, é que foi sepultar a formosura em um triste claustro !... Sim, Natercia, tu é que foste o modello das mulheres constantes ! O teu terno coração nunca se deslumbrou com o ouro dos nobres que abusando de sua posição fazem d'elle o instrumento de seus caprichos ! Tu havias jurado amor a Luiz de Camões, poeta que tinha por maior fortuna, a velha espada de seu pai ; e por virtudes o genio com que cantava as glorias de Portugal !... Mas de sobra sabias que essa espada que seu pai lhe havia deixado fôra resgatada pela sua palavra, quando entre profunda saudade de ti se apartou para a Africa ! E' que esse genio sublime que Deos lhe concedeu, valia mais do que todos os titulos dos fidalgos Portuguezes !... Porém eu fui inda mais infeliz nesse ponto do que tu, Luiz de Camões ! porque vi Luiza ser-me perjura ! vi esquecer-lhe quantas promessas me tinha feito ; e vi-a finalmente nos braços do meu rival !... Tu parististe com a esperança no peito de inda tornares a ver a tua formosa Natercia, e eu com a lembrança de um esquecimento eterno ! Tu ias coroar-te de louros em Africa, para lhos vires depositar aos pés, e eu desventurado proscripto, para esta maldadada Ilha aonde nem morrer com gloria se consente !... Todavia me contento com minha sorte, porque Deos manda muitas vezes os males para o nosso bem, e senão fôra isso nos esqueceriamos muitas vezes dos nossos deveres para com elle. Oh ! eu vos agradeço, meu bom Deos, por que sabeis bem o que mandais. Os homens buscam a felicidade por toda a parte, qual o demente que busca a camisa que tem no corpo !... Não vêem que Deos sendo tão bom, tão piedoso, não lhes póde desejar o mal, senão o bem ! oh ! mas debalde lião de procurar, porque em quanto senão contentarem com a sorte que Deos lhes dá, não á acharão !... Mais ia philosophando Frederico, quando entrou um marinheiro que lhe entregou um bilhete que dizia o seguinte : —

« Senhor Frederico, o brigue Fernando 1.º que acaba de fundear defronte da Ilha, reclama a vossa presença a seu berdo com muita brevidade

*O Capitão*

F. ANTUNES.

Frederico, confuso com tal aviso, nem sabia a

que o devia attribuir, porém, seja lá o que fôr, disse elle comsigo mesmo.

— Como acertaste com esta casa ? perguntou Frederico ao marinheiro com muito socego.

— Ensinaram-m'a dous pescadores que encontrei no desembarque, lhe respondeu elle.

— E não sabes o fim para que sou chamado ?

— Ignoro, lhe tornou o marinheiro.

— Pois vamos, disse Frederico com resolução, e logo partiram para bordo do Fernando 1.º

Deixemol-os ir, e boa estrella os acompanhe.

*Continúa.*

M. LEITE MACHADO.

## Os esfaimados

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

II

### A PERPETRAÇÃO DO CRIME.

Os contrabandistas, guiados pelo clarão dos relampagos e pela pratica de sua vida, seguiam a bom andar pelo caminho que ia dar á povoação.

Depois d'alguns minutos de marcha forçada, chegaram ás primeiras casas ; tomaram uma rua larga feita por estacadas, e depois de atravessarem algumas outras ruas pequenas, chegaram a uma especie de largo, onde havia a um lado uma casa de regular apparencia cujas portas e janellas estavam fechadas.

Os contrabandistas chegaram-se para a porta, e Julião depois de ter dado volta ao redor da casa, tirou do capote uma chave, e depois de muito custo a porta abriu se, entraram alguns, e atravessando a primeira salla, que estava só, passaram ao interior da habitação, cujas outras portas se conservavam abertas, encontraram algumas pessoas dormindo ; passaram sem fazer barulho, e encontraram uma porta fechada ; pararam em quanto Julião espreitava com cuidado todos os que dormiam para ver se via quem procurava. Voltou a reunir-se aos outros e disse em voz baixa : — E' preciso abrir esta porta, póde ser que seja aqui.

Elles esforçaram-se, mas a porta não cedia.

— Não ha remedio, faça-se barulho.

E todos á uma, empurraram a porta, que saltando a chave abrio-se de par em par.

Dentro estava uma moça que pulou sobresalta da cama que ficava no fundo do quarto.

Uma pequena lamparina apenas alumia o aposento.

— Oh ! é ella, exclamou Julião entrando precipitado.

A joven representava vinte annos ; estava com os cabellos soltos, o rosto contrahido, e aterrada de ver-se rodeada pelos contrabandistas.

Ella agarrou á pressa no vestido, e vestio-se ; reanimou-se, e gritou com força : Soccorro !

Os contrabandistas agarraram-a, amarraram-lhe na boca um lenço, e carregaram-a ao hombro apezar dos gritos abafados e dos esforços que fazia.

As outras pessoas que estavam na outra salla estavam quasi todas amarradas. As crianças agarravam-se ao pai chorando de medo, e o pai atado fazia baldados esforços e enraivecido gritava com todas as forças : Aqui d'El-rei !... Soccorro !... mas ninguem apparecia e os contrabandistas tinham-se sumido, carregando com a moça.

A tempestade continuava secca e o trovão ainda roncava com força.

— Meus filhinhos, desatai as cordas dos braços de vossa mamãe.

— Oh ! não podemos, papai... e os pequenos innocentes derramavam lagrimas, que faziam dilacerar o coração do pobre pai.

A custo pôde com os dentes desatar os nós dos braços de sua mulher ; e depois ella o desatou.

— Oh ! meu Deos ; graças vos dou, Senhor!... Esposa, orai por minha alma ; rogai a Deos para livrar nossa filha ; porque eu vou seguir esses malvados, hei de descobrir o lugar onde está nossa querida Maria ; e embora me façam em pedaços se chegar a tempo ainda lhe hei de acudir. Minhas armas ! dai-m'as depressa !...

— Oh ! não vás !... Roguemos a Deos.

— Sim orai ; mas eu devo correr em sua procura. Oh ! nossa encantadora filha ; pobre Maria !... Margarida, as minhas armas, depressa em quanto me aprompto.

Passados alguns instantes sahia José, o pai de Maria, coberto com um comprido capote, uma pequena lanterna, e de espada e pistola.

A noite não lhe era favoravel ; não se ouvia senão o ronco do trovão e o zunir do vento.

— Oh ! seguir... mas para onde ? dizia o po-

bre homem com um olhar de tigre. Ah ! sim... occorreu-me uma lembrança. Roberto ama minha filha, em breve se casariam, elle me ajudará ; corro a sua casa ! E tomando por uma rua estreita seguiu apressado, guiado pelo reflexo da lanterna. Passados alguns minutos chegou a uma encruzilhada, tomou á direita, e foi bater na porta d'uma pequena habitação, que estava á borda da rua.

Ninguem respondeu, e depois de muito bater appareceu em uma pequena janella a cabeça d'uma mulher velha.

— Oh ! Sra. Michaela ; vosso filho não está ahí ?

— A' estas horas, Sr. José !...

— Ah ! se soubesseis, Sra., o que me aconteceu, morrerieis de susto.

— Mas o que foi ?

— Vosso filho onde está, dizei-me, que não me posso demorar mais. E' preciso que corra.

— Elle não está cá ; sahio hontem e ainda não veio.

— Maldição !... pronunciou José desesperado, e encobrando a lanterna disse adeus á Sra. Michaela, benzeu-se, e seguiu quasi correndo pela rua fóra, ora parando, ora correndo á proporção que os relampagos lhe alumiaavam o caminho.

(Continúa.)

## A Providencia.

(Continuação.)

Ouçamos as objecções dos discipulos de *Hobbes* e *Spinosa* e dos adeptos de *Hume* e *Helvecio*, e tratemos de responder-lhe.

Dizem estes *fatalistas*, que se no governo do universo existisse effectivamente a acção benigna e intelligente da *Proyidencia*, não haveriam acontecimentos puramente fortuitos, entretanto, que elles se deparam no mundo a cada passo.

A philosophia remove e nullifica esta objecção, mostrando que o *acaso* é uma palavra vasia de sentido, um mytho sem existencia real. Perante Deos, não ha *acaso*, os homens é que inventaram este som phisico, para por meio d'elle exprimirem todos aquelles acontecimentos, cuja causa ignoram : mas como não se dá effeito sem precedencia de causa, o *acaso* não existe, porque sendo um effeito, deve necessariamente provir d'uma causa, á qual se nós por nossa finita capacidade não podemos remontar, é certo, que ella não pôde

ser estranha a Deos, ente infinitamente sábio e perfeito, e a quem nada é desconhecido.

Mas que! ainda vos não dais por vencidos, insistis em contrariar esta verdade, continuais ainda a assestar vossas bombardas, e a dirigir vossos pelouros contra o dogma da Providencia! Que objectaes ainda? Ah! dizeis que ella não existe, pois que se existira, não deveriamos importarnos com os negocios da vida, mas antes abandonarmos-nos cégamente á direcção, que ella nos imprimisse. Mas, vós proferindo taes paradoxos, esqueceis, que a Providencia rége as creaturas, segundo as leis de sua natureza, esqueceis, que o homem, ente dotado de razão e liberdade, é dirigido segundo as leis das naturezas livres, de maneira que contrariamos os designios da Providencia na phrase de *Barbe*, de cujas lições aqui nos servimos por vezes, sempre que nos affastamos das regras ordinarias da prudencia.

Agora, prevejo que me ides demonstrar, que a existencia do mal phisico, e do mal moral ou o peccado, é inconciliavel com a doutrina da Providencia, lembrarmê-heis os diversos elementos de destruição que encerra a natureza; os volcões com suas terriveis erupções de materias inflamadas; os tremores da terra abalando o sólo desde seus alicerces, e engulindo cidades; as trombas arrancando casas e navios; a peste despovoando reinos; o raio deixando um esteiro de ruinas por onde serpeia; as inundações causando mortes e estragos; as bêstas feras, o veneno, a dor que punge os mortaes, e mil outras cousas que vos parecem terriveis na natureza. Pois bem, este argumento aparentemente tão forte, de nenhum modo invalida o dogma da Providencia. Em quanto ao mal moral, ou o peccado, elle se concilia perfeitamente com a Providencia. Nasce do abuso da liberdade, e como Deos não é obrigado a obstar ao abuso da liberdade, pois que sendo-o, seria para dar ao homem maior beneficio, o que é absurdo, porque Deos nunca podia conceder ao homem tamanha somma de beneficios, que não lhe podesse ainda conceder mais, por consequencia apesar do mal moral subsiste a verdade da Providencia; « O homem, como judiciosamente diz Damiron, em suas fraquezas, como em seus crimes, não é culpado senão porque é livre, e porque é capaz por si mesmo de possuir-se, de deliberar, de querer e executar.

A respeito do mal fisico, isto é, a dor e a desgraça, os sinistros, e os elementos de destruição, tanto como o mal moral se concilia elle igualmente

com a Providencia: primeiramente, devemos considerar o mal em geral como provação, como meios misteriosos de que Deos se serve, para nos fazer sentir nossa fraqueza, para que nos lembremos que somos homens e invoquemos a Divindade; em segundo lugar, ponderaremos, que não temos direito algum d'invectivar os sabios designios da Providencia, pelo simples facto de nos serem incompreensiveis as propriedades e utilidade de certas partes constitutivas do Universo; para o fazermos, relevava, que nos fosse dado julgar o mundo em complexo, para assim vermós se as diversas partes isoladas, que o formam, estão ou não em relação com o todo: devemos antes reconhecer os limites de nossa intelligencia, e a fraqueza de nossa vontade. « *Murmurer de ce que Dieu n'empêche pas l'espèce humaine de faire le mal, diz Rosseau, c'est murmurer de ce qu'il lui fit d'une nature excellente, de ce qu'il mit à ses actions la moralité qui les ennoblit, de ce qu'il lui donna droit à la vertu... La puissance divine pouvoit-elle mettre de la condition dans notre nature et donner le prix d'avoir bien fait qui n'eut pas le pouvoir de mal faire? Quoi! pour empêcher l'homme d'être méchant, fallait-il le borner à l'instinct et le faire bête?* » Acresce a estas considerações, que as nossas idéas naturaes não podem ser a medida commum da bondade divina e da bondade humana, pois que, como bem observa Bayle, não ha proporção entre o finito e o infinito, e assim, o que seria incompativel com a bondade humana, pode ser compativel com a bondade de Deos, ainda mesmo que nossas fracas luzes não percebam essa compatibilidade.

(Continúa.)

D. A. M. DO AMARAL.

## POESIAS.

### Tentativas poeticas

DE F. GONSALVES BRAGA.

(FRAGMENTOS)

A LUA E O DOURO.

I.

No cume sentado d'um monte escabroso,  
Em noute de trevas, escura, e serrada,  
Sentia no peito pesar affrontoso  
Por não vêr a lua gentil prateada:

Volvia p'ros astros os olhos chorosos,  
Estrellas, nem lua se viam brilhar,  
Soltava do peito suspiros saudosos,  
A falta sentindo do patrio luar!

Olhava p'ro lado de meu rio Douro,  
Sem vêr, eu ouvia suas ondas brigar :  
Chorava, a lembrar-me que o bello thesouro  
Eu n'elle não via, não via o luar.

Só echos medonhos, sinistros de c'rujas,  
Ouvia constante mui perto a berrar,  
Dos barcos ás vezes ouvia as marujas  
As vozes do quarto « ALERTA » a bradar.

Depois que o silencio, as trevas, os gritos,  
Terror produziram no meu coração,  
Não mais os meus olhos 'stiveram afflictos  
Ao vêr de repente da lua o clarão.

## II.

La vem a lua surgindo,  
Vem luzindo  
Com seus raios prateados,  
Espargindo luz nos ares,  
Vê nos mares  
Seus encantos retratados !

Eu a vejo magestosa,  
Tão formosa  
Por cima d'aquelle monte,  
Pouco, e pouco descobrindo  
Rosto lindo,  
Que abrilhanta o horizonte !

Vejo a cidade formosa,  
Magestosa,  
Envolta em manto real,  
Vejo o patrio rio Douro,  
O thesouro

Do mimoso Portugal.

Lanço a vista longamento  
Na corrente

D'este rio caudaloso :  
Vejo os nautas se embalando,  
E cantando  
A' luz do astro formoso.

Meiga lua, eu vejo o brilho,  
Que é teu filho,  
Dominando á noute os céos,

Vejo immenso panorama  
Que m'inflamma  
Que me diz que existe Deos.

## III.

Eu amo a lua, porque anima a noute  
Com luz celeste, que abrilhanta o mundo,  
Eu amo a Deos, porque formou a lua,  
Que se retrata sobre o mar profundo.

Eu amo a lua, porque a luz que espalha  
E' bella e fria, que não queima a fronte  
Dos que a admiram. Ao meu Deos eu amo,  
Que fez a lua, que abrilhanta o monte.

Eu amo a lua que nos seus desmaios  
Saudade imprime no meu peito amante,  
Eu amo a Deos, porque formou a lua,  
Que é mais suave do que o sol queimante.

Eu amo a Deos porque lhe deve o mundo  
Bellezas tantas de que foi dotado,  
Eu amo a Deos, porque formou o monte,  
O sol e a lua, sobre o mar salgado.

Adoro o ente divinal, augusto,  
Que fez a terra, e sobre a terra os céos :  
Eu vejo o mundo que formou o Eterno,  
E só por vêr-o reconheço a Deos !

**Não chores!...**

*Un angulo me basta entre mi lares,  
Un libro y un amigo, un sueño breve  
Que no perturbem deudas ni pesares.*

RIOJA.

Tu choras, donzella ? não soltes teu pranto,  
Que o mundo escarnece de ver-te chorar !  
Porque te lamentas, se ainda o encanto  
Se encerra na vida que tens a gosar ? !...

E's joven, donzella, és pura, innocente,  
E's meiga, mimosa, tão linda, meu bem,  
Que serve esse pranto, se o mundo indifferente,  
As dores te acolhe com frio desdem ? !...

Eu soffri, e n'esse mundo,  
Que via ledó e jocundo,  
Busquei a dor esquecer ;  
Riram muito, mais zombaram  
E' nem se quer procuraram  
Mitigar o meu soffrer.

Eram muitos egoistas,  
Fracas hervas parasytas,  
Seccas, m'irradas, sem cor;  
Eram brilhantes fingidos  
E corações pervertidos  
Que riram de minha dor,

Vi um luxo desmedido  
Para mim desconhecido,  
Vi só galas—ouropeis;  
Falso brilho que reluz,  
E que a um tempo seduz  
Ricos, pobres, também reis.

Via só positivismo,  
E até o vandalismo  
Com a feia ingratião;  
Vi o rico em toda a parte  
Com torpe malícia e arte  
*Forte na sua isempção.*

Vi em tudo fingimentos,  
Os mais nobres sentimentos  
Esquecidos—postergados;  
Vi que d'alguns o desdouro  
Desapparecia com o ouro  
Sendo depois incensados.

Eu olhei para esse mundo,  
Pelago grande — profundo,  
Zombei também — e sorri;  
Fugi-lhe porque temia  
Inda viesse algum dia  
Tomar parte no que vi!

P'ra que choras pois donzellã,  
S'esse teu pranto revela  
Que o mundo tem seduccões? !  
Não chores, não, vem comigo,  
Serei teu unico amigo  
E n'um só dous corações.

Esquecidos—descuidados  
E um ao outro abraçados  
Dir-me-has—eu sou feliz!  
Aqui o mundo não vem,  
Aqui imperio não tem  
Esse que matar me quiz!...

Rio, Fevereiro 18 de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

## VARIÉDADE.

### Nós e os relógios.

Acordei alta noute e por mais que fizesse não pude conciliar o somno. Sabem pelo que? Havia perto um relógio, que, com seu bater compassado, semelhante a muitos acompanhamentos de muitas operas *primas* ou parentas, me fez ter um pensa-

mento *sublime*. Comparei o relógio ao homem, e só achei uma differença: é que o homem recebe corda por uma só vez e o relógio por muitas. Assim como ha relógios com corda para 1, 8, 15, dias nós temos corda que dura desde um momento até cento e tantos annos. Neste u. fino caso o homem tão bem encordado é um chronometro Roskell patente.

Os relógios que trabalham sobre diamantes são os homens verdadeiros, porque a verdade é dura como osso, que ainda é mais duro do que o diamante; visto haver quem consuma mais depressa este do que aquelle.

Os relógios que trabalham sobre pedras falsas são os impostores, que tarde ou cedo ficam com a calva a mostra.

Os relógios que se adiantam e atrasam são os cavalheiros d'industria, que ora, condes polacos, nos enlameam com seus coches, ora, de chapéo na mão, são simples portadores de uma subscrição para um pobre pae de familia, ex-empregado publico, que, por sua independencia em zelar a fazenda nacional, foi posto á margem.

Os relógios que de todo não regulam são os doudos, porque destes vulgarmente se diz que teem pancada na mola.

Um escriptor critico é um relógio com des-pertador.

Os medicos são os relojoeiros do homem, mas que não sabem dar-lhe mais corda do que o destino lhe marcou, somente lhe podem limpar alguma peça do machinismo.

O relógio de sol é o interesseiro que só lusingo-lhe alguma *cousa* é que trabalha, ou o preguiçoso que só o faz chegando-lhe calor ao corpo.

Esqueceu-me dizer que os homens teem alma e os relógios não, porém pela alma de alguns não daria eu nem um relógio de estanho amassado.

Mais analogias existem entre o homem e o relógio, mas faço alto.

De proposito não fallei aqui das mulheres; entretanto como ellas são que regulam os maridos (pela maior parte) sempre lhes direi, de passagem, que se os quizerem conservar por longos annos não lhe devem mexer no ponteiro.

CALISTO.

RIODE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA

Rua da Valla n. 111.